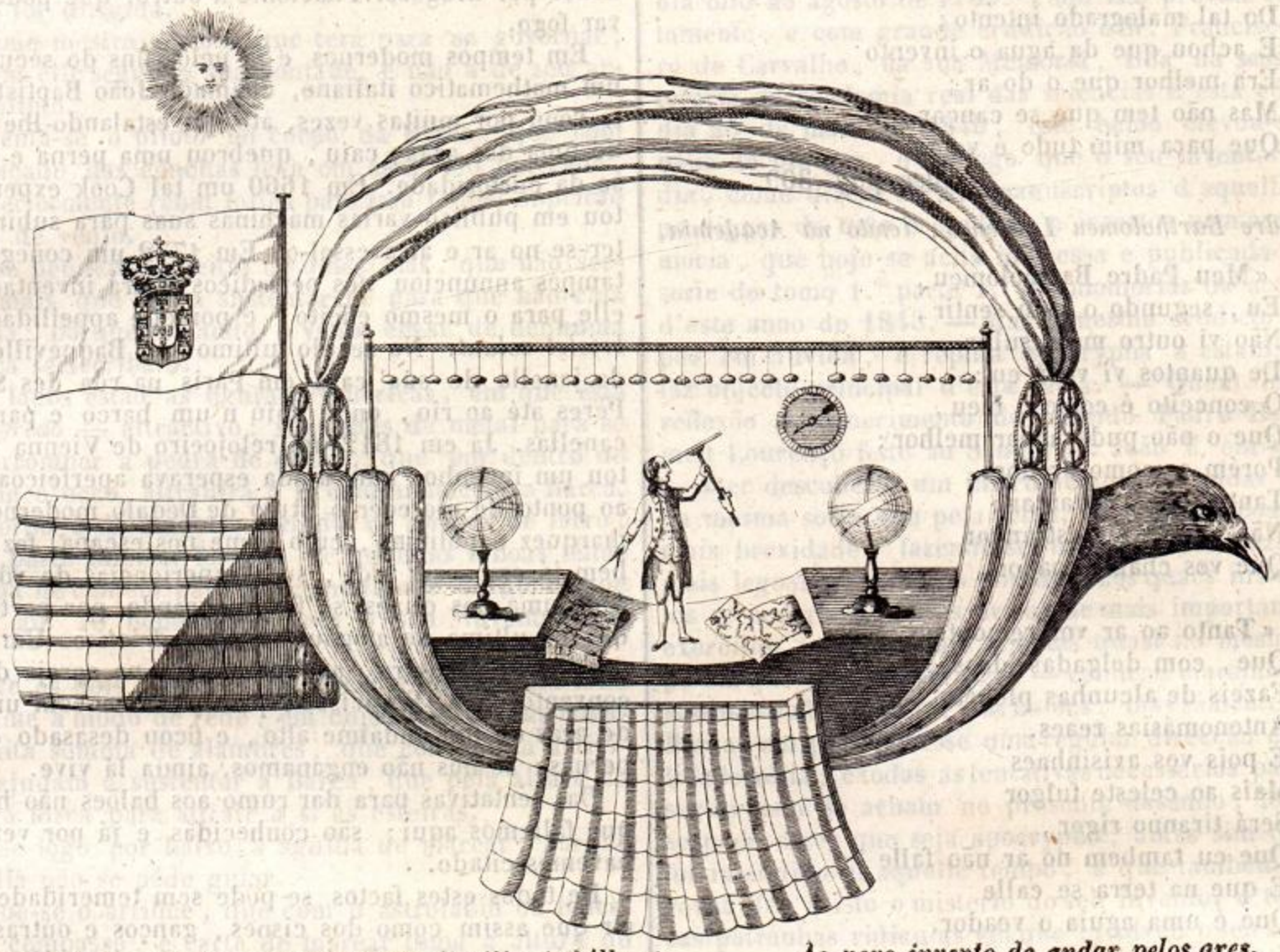
CONHECIMENTOS UTEIS.

MÁCHINA VOLANTE.



1738 O nosso amigo, o Illmo Sr. Emilio Achilles Monteverde, redactor do Recreio das familias, patriarcha dos jornaes de instrucção e variedades em Portugal, teve a bondade de nos recordar, por occasião das *Carruagens aérias de vapor*, que já em 1709, havia um portuguez tentado, e como quer que fosse, resolvido o problema de voar; e que os documentos que d'isso existiam, assim em escripto como em desenho, já elle no mesmo Recreio das familias os havia publicado. Aproveitámo-nos da licença, que graciosamente nos concedeu, para recopiarmos o seu desenho lithographado; — e remettendo-o ao Exmo Sr. Visconde de Villarinho, com o proprio artigo cuja leitura recommendamos no Recreio aos nossos assignantes, supplicámos a S. Ex.ª nos desse a sua respeitavel opinião em tal materia. A carta, que segue, é o despacho do nosso requerimento.

Mas antes de entrarmos a ella não será desagradavel ouvirmos o que ácerca de tal máchina volante do Padre Bartholomeu, ou *passaróla*, como vulgarmente a chamavam, deixou escripto o seu contemporâneo, Thomaz Pinto Brandão.

—

Ao novo invento de andar pelos ares.

«Esta marôma escondida,
«Que abala toda a cidade;
«Esta mentida verdade,
«Ou esta duvida crida;
«Esta exhalação nascida
«No portuguez firmamento;
«Este nunca visto invento
«Do Padre Bartholomeu,
«Assim fôra sancto eu,
«Como elle é coisa de vento.

«Esta féra Passaróla,
«Que leva, porque mais brame
«Tresentos mil réis de arame,
«Sómente para a gaióla;
«Esta urdida pavióla,
«Ou este tecido enrêdo;
«Este das mulheres medo,
«E emfim dos homens espanto,
«Assim eu fôra cedo sancto
«Como se ha-de acabar cedo.

Pinto Renascido pag. 237.

A uma barquinha de coiro, em que navegava no Téjo um inglez, que aqui veio com ella, e a trazia dobrada debaixo do capote, emquanto a não estendia na agua, sendo o seu assento na pópa um odre, que enchia de vento.

«.....
«Quando eu vi a tal barquinha
«Navegante corrióla,
«Me lembrou a passaróla
«De quem Deus tem que não tinha;
«O inglez informado vinha
«Do tal malogrado intento;
«E achou que da agua o invento
«Era melhor que o do ar;
«Mas não tem que se cançar,
«Que para mim tudo é vento.

Idem pag. 309.

Ao Padre Bartholomeu Lourenço, lendo na Academia.

«Meu Padre Bartholomeu,
«Eu, segundo o meu sentir,
«Não vi outro mais subir
«De quantos vi voar eu:
«O conceito é como o meu,
«Que o não pude achar melhor;
«Porém se como orador
«Tanto sabeis levantar;
«Não me deveis estranhar
«Que vos chame voador.

«Tanto ao ar vos remontaes,
«Que, com delgadas idéas,
«Fazeis de alcunhas plebéas
«Antonomásias reaes.
«E pois vos avisinhaes
«Mais ao celeste fulgor
«Será tiranno rigor,
«Que eu tambem no ar não falle,
«E que na terra se calle
«Que é uma aguia o voador.

«Quem mais vôe se não vê,
«E se ha quem d'isso se gabe,
«Atégora se não sabe,
«Que casta de passaro é:
«Só vós, de vista e de fé,
«Sois quem logra este primor.
«E pois tão alto louvor
«Não ha outro a quem se applique,
«Será força que eu publique
«Que só vós sois voador.

«Por força do vosso estudo
«Por geito do vosso estado
«Para tudo sois asado
«Tendo penna para tudo:
«E assim de stylo não mudo
«No estranho do meu louvor.
«E intendei do meu amor,
«(Se o não tomaes por labéo)
«Que, até chegares ao céu,
«Haveis de ser voador.

Idem pag. 509.

De todos estes máus versos se infére que o homem de feito voou; mas que o seu invento não correspondeu ás promessas e saíu malogrado.

Se porém a *passaróla* era nova, o desejo de voar tem o que quer que é de tão natural, de tão universal, que é de presumir não faltariam em todos os tempos ingenhos agudos e arrojados, que tentassem satisfazel-o. Alguns vestigios d'isso parece terem ficado da mais alta antiguidade conservados pelos poetas e convertidos para seu uso em lindas fabulas. Mercurio e Persêu tiveram asas postiças, com que voavam. Bellerophonte voava sobre um cavallo com asas. Triptólemo, Medéa, e Circe corriam os ares em carros puxados por dragões. Phaetonte n'outro, que poderia levar fogo.

Em tempos modernos e já pelos fins do século XV um mathematico italiano, chamado João Baptista Dante voou por muitas vezes, até que estalando-lhe a móla de uma das azas, caíu, quebrou uma perna e curou-se da curiosidade. Em 1660 um tal Cook experimentou em publico varias máchinas suas para subir, suster-se no ar e atravessal-o. Em 1772 um conego d'Etampes annunciou nos periodicos outra inventada por elle para o mesmo effeito, e por elle appellidada *cabriolet volant*. No seculo ultimo um Baqueville voou da janella de sua casa em Paris na rua des Saints-Pères até ao rio, onde caíu n'um barco e partiu as canellas. Já em 1812 um relojoeiro de Vienna inventou um ingenho, que ainda esperava aperfeiçoar, até ao ponto de merecer o titulo de Dédalo moderno. Um marquez napolitano, cujo nome nos escapa, fez, tambem já em nossa vida, suas experiencias de vôo, em cada uma das quaes se foi quebrando por partes até que na ultima se afogou no *mar adriatico*. Um frade da ilha da Madeira, andando obras na egreja do seu convento de S. Francisco, precipitou-se com um par de azas de um andaime alto, e ficou desasado e sem pernas: se nos não enganamos, ainda lá vive.

Das tentativas para dar rumo aos balões não ha por que fallemos aqui; são conhecidas e já por vezes as havemos citado.

De todos estes factos se póde sem temeridade inferir que assim como dos cisnes, ganços e outras aves aquáticas tomaram os homens a primeira idéa e noções da náutica, assim das aves, insectos e peixes voadores tomariam a cobiça de senhorear os ares, e, que se ainda o não conseguiram, é porque as sciencias, que só lhes podiam offertar os meios, não eram ainda chegadas a esse incremento (nem affirmaremos que já hoje o são); todavia é mais que provavel que ahi se ha-de chegar, se é que já Mr. Henson o não fez. O dicto com que Horacio na sua terceira óde encaréce a temeridade humana: —

«Nil mortalibus arduum est.
«Cœlum ipsum petimus stultitia.

«Nada aos mortaes é árduo: commettemos
«Loucos o mesmo céu....

Ha-de saír invertido n'estoutro: —

«Nada aos mortaes é arduo: commettemos
«Sabios o mesmo céu....

Mas deixemos o voador da lyrica e os outros voadores; e oiçamos já ácerca do nosso Padre Bartholomeu Lourenço o seu ingenhoso commentador.

(Carta.)

1739 *Illm.º Sr. Antonio Feliciano de Castilho.* — Restituo a V. a estampa que representa a Barca de voar inventada em Lisboa no anno de 1709 pelo nosso insigne portuguez o Padre Bartholomeu Lourenço, copiarei as explicações por elle dadas, que se acham a pag. 82 do Recreio e depois farei o meu juizo sobre tão importante invenção.

Na parte superior se mostra o velame que servirá para cortar os ares, levando sua derrota áquella parte d'onde for dirigida.

O leme mostra o modo que terá para se governar; pois sem elle seguiria sua vontade, e não a de seu artifice piloto.

Sustenta-se o piloto no corpo da Barca, que com o engraçado das conchas leva em cada vão um cano, que interiormente (com folles para isso feitos) suprirão a falta de vento.

Vê-se pendente o feitio de umas asas, que não servirão mais que de a sustentarem para que não caia á banda: porque tomando o vento em si de nenhuma maneira se derribará.

Dos lados estão as figuras esphéricas, em que está o — *segredo* — attractivo: são feitas de metal para se não corromper a pedra de cevar, que por dentro do pé, que é occo, attrahirá a si continuamente a Barca, cujo corpo é de madeira forrado de chapas de ferro, e pela parte inferior forrada de estreitas taboas feitas de palha de centeio para a commodidade da gente que levará até 10 homens, e com o seu inventor onze.

Entre os dois postes se vê o corte da coberta feita de arame a modo de rede, em cujos fios se tem enfiado muita somma de alambres, que com muita actividade ajudam a sustentar a Barca, que pela altura do sol fará força para attrair a si as esteiras.

Vê-se logo por baixo a agulha de marear; porque sem ella não se póde guiar.

Segue-se o artifice, que com o astrolabio ou balestilha, compasso, e carta de marear toma a altura do sol para ver aonde se acha.

Bem vesiveis são as roldanas, para por ellas se alargar mais ou menos a escota de qualquer parte que o vento faça feição.

Depois d'estas explicações, acha-se o seguinte *N. B.* — «Não obstante que o auctor da máchina diga que dentro dos globos vai a Magnete, cuja virtude fará subir a Barca, com tudo, não é a sua elevação por força da virtude attractiva; mas sim pela força do gaz, que os mesmos globos teem dentro, e a que o mesmo auctor chama segredo, que não quiz declarar, talvez por boas razões que para isso tivesse. O certo é que o auctor era homem de talentos, e de grande capacidade, e que a tal máchina foi experimentada, segundo o testimunho de alguns velhos de probidade, que ainda vivem na nossa côrte, apesar de haver alguem que o contradiga, talvez por malicia ou ignorancia. *Lisboa: na officina de Simão Tadeo Ferreira.* 1778. *Com licença da Real Meza censoria.*»

Ora, este *N. B.* referido já deixará mais socegado o ânimo d'aquelles leitores que se aborrecessem de ver atribuir á pedra de cevar e alambres a força de ascenção da Barca; mas eu vou provar-lhes que tudo quanto se vê na estampa está muito bem combinado, e que a Barca podia voar; mas sem essa direcção que o auctor lhe suppõe; pois n'isto se enganou elle muito; porém o seu invento é digno, e muito digno de elogio, ainda que tenha alguns defeitos.

O Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão era brazileiro natural da villa de Santos na capitania de S. Paulo, e não ha duvida nenhuma, que elle foi o primeiro inventor dos aerostatos, que fez a experiencia com um balão, que se elevou á altura da sala das embaixadas no pateo da casa da India, diante de Sua Magestade o Senhor D. João V. e de muitos fidalgos, no dia oito de agosto de 1709. Tudo isto provou completamente, e com grande erudição o Sr. Francisco Freire de Carvalho, na sua Memoria, lida na sessão litteraria da academia real das sciencias d'esta côrte no dia 20 de maio de 1840; este balão elevou-se por meio de um gaz, e do fogo que o seu inventor acendia, como dizem alguns manuscriptos d'aquelle tempo dignos de todo o credito, e insertos na mesma memoria, que hoje se acha impressa e publicada na 2.ª serie do tomo 1.º parte 1.ª das memorias da academia d'este anno de 1843. — Mas o mesmo erudicto auctor põe em duvida, e reputa apocrypha a estampa que faz objecto principal d'esta carta. — Quem ler com reflexão o requerimento do referido Padre Bartholomeu Lourenço feito ao Senhor D. João V em que diz — «ter descoberto um instrumento para andar pelo ar da mesma sorte que pela terra, e pelo mar com muita mais brevidade, fazendo-se muitas vezes duzentas e mais legoas de caminho por dia, nos quaes instrumentos se poderão levar os avisos de mais importancia aos exercitos, e terras mais remotas quasi no mesmo tempo em que se resolvem etc.» — conhece claramente que isto não podia quadrar aos balões; mas sómente a uma Barca, em que houvesse uma regular direcção e estabilidade aéria; e todas as tentativas necessarias para conseguir isto se acham no presente desenho; logo não se póde dizer que seja apocrypho; antes sim que não foi intendido n'aquelle tempo, e que tambem muita causa deu a isto o misterio do seu inventor e todas essas patranhas ridiculas em que involveu o seu segredo. Ainda que o referido desenho não tem escala, e não se póde saber se estaria ou não bem calculada a Barca para conseguir o effeito da estabilidade, póde ser que o auctor conhecesse isso, ou por via do calculo applicado á differença do peso do ar para o do gaz que empregava, ou por tentativas e comparações de um balão conhecido como esse que fez subir no pateo da India para aquelle que seria capaz de suster no ar onze pessoas, as madeiras e todos os materiaes da mesma Barca, mantimentos, aguada e todas as mais coisas precisas. — ¿Qual seria porém esse gaz de que o Padre Bartholomeu se serviria? ¿hydrogeneo? Não podia haver n'isso duvida nenhuma, pois já era conhecido muito antes do anno de 1700, tendo sido descoberto por M. Cavendisb (Phil. Trans. L. VI pag. 141) e por isso um homem dado ás lettras e ás sciencias devia ter noticia d'elle. É verdade que tudo isto são conjecturas; mas são rasoaveis; a tradição porém nos conserva a lembrança do facto que parece verdadeiro de ter a dicta Barca atravessado com o seu vôo o Terreiro do Paço, tendo sido despedida do alto do torreão que alli havia antes do terremoto de 1755. Ora, se o Padre Bartholomeu tinha conhecimento d'este gaz, tudo o mais se explica facilmente. — A barca era feita de madeira, sim, mas de um encanastrado muito ligei-

ro, e as conchas occas demonstram muito bem que seu inventor pôz a mira em combinar a fortaleza com a leveza como se observa nos ossos das aves. Não eram os canaes destinados para canudos de ar; mas sim para encerrar as cordas e cadernaes que deviam extender o velame, como se vê claramente no desenho. O fundo da mesma barca era feito de leves taboas de palha, como são essas teigas que alguns lavradores teem para guardar o pão; porque d'esta fórma tinham muita leveza, e sufficiente força para encher os vãos do encanastrado. O convéz da mesma barca não tinha lá dentro nenhuns folles; mas sim um grande balão que se enchia por meio do gaz hydrogeneo disenvolvido dentro das esphéras, por via de alguns meudos *ferrachos*, agua e acido sulfurico. Estes vasos esphéricos podiam ser de uma delgada chapa de cobre, com tanto porém que tivessem por dentro um forro de chumbo; porque o acido sulfurico não o ataca; emfim o gaz desinvolvido podia saír da parte superior das mesmas esphéras por um tubo recurvado, que se occultasse nos ornatos externos e descesse pelo pé para se communicar com o balão, intermediando uma torneira convenientemente adaptada. — A vella tem alguma similhança com a dos barcos chinezes, e não ha duvida que se poderia usar d'ella de escota, se porventura a barca andasse na agua e o vento a fizesse navegar; mas n'isto enganou-se o inventor; porque seria impossivel conseguil-o no ar: a torrente aéria levaria sempre a barca na sua direcção quer estivesse de escota, quer de cheio; nem tambem o leme lhe serviria de nada; porque não achava nenhuma resistencia no ar que atravessava; por isso que não podia ter mais velocidade, do que a do vento ou da torrente aéria em que fluctuava. — Considero porém esta vella de uma grande importancia para servir de pára-quédas, visto que se ha vento ella se enfuna, e se o não ha repousa sobre a rede de arame, e fica prompta ou para receber o vento ou para ser um excellente pára-quédas no caso de um desastre.

Parece que o Padre Bartholomeu desconhecia ainda a natureza do ar respiravel e o perigo de se elevar a grandes alturas, aonde o frio e a falta de pressão atmosphérica fazem perder a vida em poucas horas, e por isso, no caso de fazer uma barca dotada dos necessarios requesitos para fazer uma longa viagem (o que era possivel) elle seria victima da sua ignorancia se fosse dentro d'ella. Tambem o mesmo balão arrebentaria se não tivesse válvulas de segurança; pois o gaz se dilata na proporção em que diminue a dicta pressão atmosphérica. ¡Que muito é porém que elle ignorasse tudo isto se era o primeiro inventor dos balões na Europa moderna! não se roubam á natureza os seus segredos sem a perda de muitas victimas, sem commetter muitas êrros e sem passar muitos annos; mas emfim triumpha-se, e nada é capaz de resistir ao espirito humano senão aquillo que o Todo Poderoso reservou para si. Ora, eu digo *na Europa moderna*; porque no tempo de Nero, segundo affirma Suetonio houve um homem que se elevou no ar em um *carro de fogo* e quando caíu quebrou as pernas. Atribue-se isto a Simão Mago, celebre e desmoralisadissimo impostor; mas auctores de muito credito negam que tal acontecesse, ou que S. Pedro fizesse afugentar os demonios que o sustentavam no ar em o dicto carro de fogo: S. Justino, St.° Ireneu, e Tertuliano escrevendo de Simão Mago, referem a historia da estatua, que lhe fez erigir o Senado Romano na ilha do Tibre, e não dizem nada ácerca da sua viagem pelo ar. Comtudo a tradição conserva a lembrança da mencionada ascenção aéria, e não é natural que o carro de fogo fosse outra coisa senão um balão similhante aos que inventou o nosso Padre Bartholomeu, e depois d'elle os Montgolfieres. Dedalo não foi inventor de nenhuma máchina de voar, foi sim das vellas das embarcações em que elle e seu filho Icaro fugiram de Creta para a Sicilia, aonde Cocalo, rei de Camica, lhe deu um asylo; mas Icaro governou mal o seu barco e naufragou: d'este successo nasceu a fabula das asas pegadas com cêra, que foram despegadas pelo calor do sol das espáduas do infeliz mancebo etc.

Deixando porém esta breve divagação direi que se o nosso Padre Bartholomeu vivesse agora n'esta época, certamente poderia executar o seu atrevido projecto; porque a possibilidade de fazer voar uma grande barca não só propria para levar 11 homens, mas ainda muito maior numero, dependia unicamente de crear uma força sufficiente para lhe dar um movimento de translação com a velocidade de 80 pés por segundo ou 54,5 milhas por hora afim de poder vencer todas as correntes de vento *inclusivè* o — forte vento fresco — que corresponde nas taboas de M. Rouse e do Dr. Lind á velocidade de 70 pés por segundo, ou 47,7 milhas por hora: como esta força está descoberta no ingenho de vapor de M. Henson, tudo o mais é muito facil, dentro em pouco tempo gosará o homem d'esta grande conquista que fez, e poderá repetir com ufania os seguintes versos de Voltaire, feitos por satyra ao seu orgulhoso coração:

. . . . . Je suis puissant et sage;
Cieux, terres, éléments, tout est pour mon usage;
L' océan fut formé pour porter mes vaisseaux;
Les vents sont mes courriers, les astres mes flambeaux.

Deus guarde a V. muitos annos.
Lisboa 7 de maio de 1843.
Visconde de Villarinho de S. Romão.

A SEDA.

1740 A petição, que abaixo transcrevemos, foi ha dias apresentada ao Governo, e não póde tardar em saír com bom despacho. Todos os empenhados na prosperidade d'este reino o desejarão tão anciosamente como nós.

A seda é uma industria que se acha apenas introduzida em Portugal, mas que se chegar a crescer e a aperfeiçoar-se muito ha-de fazer para a nossa prosperidade. Por convencidos d'isso é que tantos artigos temos já dado a este assumpto, em que muitas vezes ainda havemos de insistir — vejam-se os 202, 256, 635, 856, 904, 1292.

Postoque o requerimento, que estampamos, encerre superabundantes razões, que o recommendam, queremos ainda corroboral-as, apontando aqui um poucoxinho do que sabemos a respeito de seu auctor.

O Sr. Luiz Tinelli depois de haver militado não só no exercito piemontez mas tambem em Hispanha na guerra de 1823, recolheu-se em 1825 ás suas fazendas na Lombardía.

Os mil olhos do Argos austriaco não se desfiavam de sobre os italianos liberaes. Tolhidos para todo

o genero de acção ou influencia publica, transferiram estes a sua actividade para o estudo das sciencias materiaes, para o aperfeiçoamento da agricultura e da industria: o Sr. Tinelli consagrou-se quasi totalmente a introduzir na sua patria todos os melhoramentos agronómicos e industriaes, que nos outros reinos se descobriam. Mas os seus mais sollícitos disvelos foram para a seda, por ser dono de grandes e excellentes amoreiraes, e de uma fabrica onde já ella se manufacturava com bom credito. Em 1830 fundou tambem uma fabrica de loiça fina perto de Milão, que é ainda agora unica em todo o reino Lombardo-Veneziano. As mal afortunadas tentativas de 1831, e as machinações de *La Giovin Italia*, suscitaram perseguições, que arrancaram o Sr. Tinelli do centro da sua familia, e dos seus queridos e já medrados estabelecimentos, despenhando-o para o fundo das masmorras que já d'antes se haviam afamado ou infamado com o martyrio de Silvio Péllico, e do conde Gonfalonieri. — Correu o processo, ou para dizer melhor, arrastou-se como serpente tortuosa, ou como todos os processos politicos d'aquellas malfadadas terras, até que a final desfechou na sentença de morte.

Por graça do imperador de Austria, foi o nosso com muitos outros presos illustres posto fóra de Italia, e trasladado para os Estados-Unidos. Ahi dentro em pouco tempo grangeou amigos até entre os mais auctorisados e influentes na republica, o que lhe abriu caminho para fazer como bom e agradecido hóspede alguns serviços de valia. Foi elle um dos primeiros, que lá introduziram a cultura da seda, dando a conhecer e propagando as duas especies de amoreiras, recém-mettidas na Europa, a saber: a *morus multicaulis* das ilhas Philipinas, e a *morus macrophilla* da China. Ajudou as boas obras com as doctrinas e persuasão, lançando instructivos artigos sobre o assumpto nos papeis publicos, e imprimindo sobre elle varios folhetos especiaes. — D'elles possuimos dois, merecedores, sem duvida, de serem consultados; intitula-se um: — *Hints on the cultivation of the Mulberry: with some general observations on the production of silk. New-York.* 1837. — O outro: — *An address delivered by L. Tinelli &c., before an assembly of silk culturists.* Estas publicações lhe grangearam a nomeação de membro do Instituto americano, e da Sociedade de Agricultura de Boston.

Em virtude de uma representação feita pelo Sr. Tinelli á legislatura do estado de Nova-York, concedeu o governo diversos premios pecuniarios por cada libra de seda fabricada, e por cada libra de seda em casúlo. No mesmo anno recebeu em remuneração dos seus trabalhos uma medalha de oiro do Instituto americano.

Emquanto assim o tractavam os homens a quem beneficiava, o clima pouco amoroso e mal afinado pelo bello céu da sua Italia, o repellia, aggravando-lhe os estragos, que já na saude lhe haviam encetado as perseguições e os desgostos, os largos estudos e fadigas. Requereu e conseguiu ser enviado consul para a cidade do Porto, onde ao presente se acha — dominado, como d'antes e como sempre, da nobre ância de ser util.

Eis-aqui os estrangeiros a quem se deve todo o favor, e até agradecimento. — São estes e só estes, que, emvez de virem supplantar os nossos talentos, ludibriar e empobrecer a nossa terra, associam com o seu o nosso proveito, e criam industrias salvadoras. No dia do juizo nacional o patriotismo illustrado porá á sua direita os plantadores das arvores e fabricas uteis, e á sua esquerda os semeadores dos *agriões* de pedra, da ópera lyrica, e dos dramas cannibaes. — Os primeiros para o premio, os segundos para o diabo, que os confunda.

Requerimento.

Senhora: — L. Tinelli, natural de Milão na Lombardia, e cidadão adoptivo dos Estados-Unidos da America, residente agora na cidade do Porto, na qualidade de consul da dicta republica, tem a honra de representar a Vossa Magestade:

Que a cultura das amoreiras e a producção da seda teem chamado em todos os tempos a mais séria attenção da parte dos governos da Europa; e que em nossos dias povos e principes de todos os paizes teem rivalisado nobremente em dar uma extensão maior a este ramo d'industria nas terras, onde elle já existia, e em introdusil-o até n'aquellas, onde se não tinha presumido, que houvesse a possibilidade de haver uma tal cultura.

Muitos estados da Allemanha, a Prussia, a Suecia, e a mesma Russia produzem já quantidades consideraveis de seda.

Os Estados-Unidos da America podem contar a seda como um ramo estabelecido da sua industria agrícola. Muitos estados da União para favorecerem as vistas bem-fazejas, e philantrópicas de alguns homens empreendedores, promulgaram leis para animar a cultura da seda e concederam premios por certas quantidades de casúlos ou de seda produzida. — O reino Lombardo-Veneziano pouco superior ao de Portugal em povoação e em extensão territorial, exporta annualmente perto de trinta milhões de cruzados em seda manufacturada e crua.

Que apezar dos grandes promovimentos feitos durante o ministerio do marquez de Pombal, e de outros nobres estadistas em Portugal, por motivos que hoje já não existem, a cultura da seda foi completamente despresada, de modo que até para o consumo interior, este reino é obrigado a importar annualmente quantidades muito grandes de seda crua, da Italia, da Hispanha, e de outras terras.

Que a qualidade do sólo e a benignidade do clima; principalmente nas provincias do norte de Portugal, favoreceriam a producção da seda, se esta fosse devidamente empreendida; e que o pequeno jornal dos trabalhadores, e a decadencia do commercio dos vinhos tornam, se não necessario, ao menos bem desejavel, que se introduzam em Portugal novos ramos de industria agrícola.

Que movido por estas verdades o abaixo assignado, que tem dedicado longas experiencias e estudos á cultura da seda, e que foi um dos primeiros a estabelecer esta industria na America, em recompensa do que obteve do estado de Nova-York a medalha de Oiro em 1840, tem a honra de submetter ao governo de Vossa Magestade as seguintes proposições:

Dois obstaculos principaes se oppõem a introduzir promptamente a cultura da seda em Portugal; isto é, a falta de conhecimentos praticos para crear os bichos da seda, e para fiar os casúlos, e a falta de convic-

ção da parte das pessoas do campo da utilidade d'esta industria.

O exemplo é n'este caso o argumento mais persuasivo; e um grande estabelecimento agrícolo-manufactor para a producção da seda seria a melhor eschóla para adquirir a pratica necessaria a este genero de industria.

Persuadido da immensa utilidade de um tal estabelecimento, o abaixo assignado se acha disposto a fundal-o á sua custa sem o soccorro de companhia, nem de privilegio algum.

Seria sua intenção fazer plantar sessenta mil amoreiras das duas qualidades novamente introduzidas na Europa, a *Morus multicaulis* e a *Morus macrophila*, e construir logares para crear os bichos da seda, e uma fiação da seda segundo os mais recentes melhoramentos.

Um estabelecimento d'esta natureza não só assegurará ao paiz, no fim de dois ou tres annos uma producção assaz importante de seda, mas até offerecerá a vantagem de ser conhecida uma eschóla de pratica para todas as pessoas, que desejarem empreender esta cultura; de mais o mesmo estabelecimento poderá fornecer aos agricultores as melhores qualidades de amoreiras, e de ovos de bichos de seda para melhor assegurar o resultado de suas empresas.

Comtudo, como a fundação de um tal estabelecimento, e a construcção dos edificios e das máchinas exigem um adiantamento de capital assás consideravel, e como além d'isto o abaixo assignado deverá pagar uma somma grande para a compra da terra, persuadido elle, que o Governo de Vossa Magestade não deixará de animar com todos os seus meios uma empresa, que deve ser tão vantajosa ao paiz, se atreve a supplicar, que Vossa Magestade queira ceder-lhe toda aquella parte da terra da quinta da Serra do Pilar, perto d'esta cidade, que exceder a que o mesmo Governo tiver destinado a outros objectos, pelo preço da avaliação, e com a faculdade de pagar o capital metade no fim de tres annos, e a outra metade no fim de cinco annos depois da data do contracto, pagando o juro de 5 por cento ao anno sobre a somma da divida, e submettendo-se o abaixo assignado no mais ás condições que o Governo de Vossa Magestade julgar justo, segundo a sua sabedoria, impôr ao abaixo assignado, a fim de combinar com a utilidade do estabelecimento a segurança da propriedade e do interesse do Thesoiro-Nacional. — *Luiz Tinelli.*

CREAÇÃO DE UM NOVO E FELICISSIMO TRIBUTO.

1741 São os tributos nos estados uma dolorosa necessidade. Murmuraram-se e soffreram-se — murmuram-se e soffrem-se — hão-de ser em todos os tempos murmurados e soffridos. Todo o corpo trabalha para o ventre, mas a final é o ventre quem sustenta a todo o corpo. Nada ha que dizer contra a thése, ha porém muito que argúir na maior parte das hipótheses. Se o tributo damna mais na parte, d'onde sae, do que aproveita na parte, para onde corre; se é lançado com vexâme ás coisas uteis emvez de ir caír como repressão sobre as damnosas, ou ainda sobre as supérfluas, é iniquo e anti-social.

Por outros modos podem tambem ser os tributos mais ou menos condemnaveis, mais ou menos absurdos, mas não é para aqui o examinal-os. Para a proposta, que vamos fazer em muito poucas palavras, basta-nos haver suscitado esta prévia consideração.

Que nós os portuguezes estamos condemnados a tributos, que vergam e assoberbam as forças da nossa presente fortuna, se, não é axioma, é pelo menos convicção de toda a gente. — Que os nossos, tributos e em particular os novissimos, nos accommettem pelas partes mais vitaes é consenso até do povo.

Que emfim onerar toda a propriedade, toda a industria e toda a subsistencia para ter mais de seis milhões, que derramar por um exercito, que não existe, é um grande desconcêrto — postoque talvez inevitavel — ninguem o negará.

Desejáramos nós, e cremos que o Governo tambem, ver ainda amanhecer um claro dia, em que só se pedisse aos cidadãos quanto rigorosamente se devesse gastar na conservação e serviço da sociedade, e que a lei, que regulasse essa derrama, tivesse olhos, intendimento e coração para fazer duas obras boas n'um só acto — occorrer a necessidades verdadeiras, com multas impostas sobre luxos ruinosos, — com o mesmo com que n'uma parte curou, ir sustentar nas outras e no todo. Será esta a philosophia dos tributos, que os tornará civilisadores, intelligiveis em toda a sua extensão, e dignissimos de bençãos universaes. Emquanto esse dia não vem, apressemol-o com os nossos votos, e com preparar-lhe o caminho por via da persuasão.

Os que dizem que o Governo procura, ácinte, despojar, empobrecer e inanir os cidadãos — dizem seguramente uma coisa muito falsa e muito incrivel. O Governo compõe-se de homens e não de demonios: mas como tambem se não compõe de anjos, é sujeito a erros, e faz muitas vezes o mal sem n'o querer.

A obrigação de todos é portanto alumial-o e bradar-lhe de contínuo, por estes passos escarpados, tenebrosos, estreitos e resvaladios. Emvez de só lhe impugnarem os tributos porventura desassisados, que elle propõe obrigado de necessidade urgente, alvitrem-lhe, para substituir a esses, outros plausiveis. Se ainda depois preferisse o mal ao bem, então que o arremessassem embora com a cadeira curul do alto da Rocha Tarpéa; nada se perdêra n'isso, nem sequer um homem. Por nossa parte como cidadão e como escriptor publico — eis-aqui já uma proposta de um novo tributo, que se for lançado, produzirá não um, senão muitos beneficios, sem ao mesmo tempo merecer a mais leve repreensão.

As traducções das novellas e comedias francezas estão sendo uma superfluidade e uma praga. Assollam a innocencia e os costumes: assollam a linguagem vernácula: assollam o bom gôsto e a litteratura; e finalmente até aos verdadeiros litteratos assollam, porque as poucas sommas e o pouco tempo, que o povo poderia gastar para lêr e instruir-se, são absorvidos por estes traduzidores — não das duzias mas dos milheiros. — Quando o livro original, ou a traducção util e esmerada, fructos, muitas vezes, de mezes e annos, chegam a final a apparecer, o dinheiro, que havia de pagar essas fazendas de lei, está devorado pelos contrabandistas litterarios: as horas, que se haviam de gastar no estudo d'essas paginas reflectidas, estão já empenhadas para com historiêtas, ou frívolas, ou estragadoras, e até o gôsto da applicação sisuda anda enjoado ou adormecido com o fluxo e refluxo contínuo d'esse *mare magnum* de frioleiras.

As traducções do francez são portanto o mais terrivel, o mais fatal abuso, que hoje em dia se está fazendo da imprensa livre.

¡¡ Um tributo — um tributo sobre tal praga!! ¡ Um tributo férreo, pesado, irresistivel como uma prensa hydraulica, que a esmague e a anniquille! — Não será um tributo que renda por muito tempo. — Tanto melhor. ¡ Oxalá que logo á sua promulgação, a sua materia tributavel desappareça, e por elle se não chegue a colher um só ceitil!

¿ Como porém se ha-de impôr este tributo?

Facilimamente.

Obrigando a um sêllo cada folha dos milhares de rêsmas, que em taes e tão ruins parvoices se desbaratam. — ¿ Não são sujeitos ao sêllo os cartazes, e os annuncios que são uteis? Não o são as folhinhas que são necessarias? ¿ Não o são os papeis dos negocios, dos processos, das lettras de cambio, que são indispensaveis? ¿ Será mais inviolavel o *Burro Morto*, — mais sagradas as *Memorias do Diabo?* ¿ Mais inexpugnavel a *Torre de Nesle?* ¿ Mais favoreciveis os lupanares de Paulo de Kock, e as escholas theoricas e praticas de todo o genero de malfeitorias da condeça de Dudevant?

¡ Pagamos tributo pela casa, pela quinta, pelos criados, pelo cavallo, por todos os animaes do nosso uso, pela nossa industria, pelos nossos moveis, pelo sabão, pelo tabaco, pelas cartas de jogar, pelos vestidos, pelos alimentos, pelas demandas, pelos despachos, pelas condecorações, pelo nosso culto religioso, pelas nossas heranças, — por quasi tudo ou tudo, — e, porque mercámos um diccionario francez, meia duzia de novellas, duas rêsmas de papel, um garrafão de tincta e uma caixa de pennas de ferro podemos abrir loja de bestificadores sem pagarmos a licença, e, os de vocação para bestificaveis, bestificar-se á sua vontade, sem pagarem mais do que o trabalho e mão de obra do bestificador! A filha ou mãe de familias honesta, ou a criada sisuda, que aprendam nas novellas, que se lhes mettem por baixo das portas, tudo quanto é mister para bem desprezar todos os devêres, — que o aprendam já que a liberdade de imprensa assim o quer — mas paguem para o estado ter com que edifique novas *Cordoarias*, novos hospitaes, e novos recolhimentos de convertidas. O caixeiro, que lêa em George Sand o panygírico do jogo, do luxo e das galés, mas que pague para que o estado possa accrescentar as mesmas galés, ou manter maior numero de carrascos.

Rogamos aos jornalistas e ao Governo se dignem considerar com muita circumspecção esta proposta, a que ainda voltaremos.

TRES PONTOS GRAVISSIMOS.

1742 O duéllo, o suicidio, e o infanticidio são tres vergonhas, tres opprobrios, tres flagellos da moderna sociedade. Havemos convidado todos os sabios, que nos honram com a sua amisade, para lhes escogitarem remedios, e propôl-os á discussão da imprensa, á attenção do corpo legislativo e do govêrno. — A verdadeira sciencia é sempre humana. Todos accederam ao nosso convite, e hoje damos principio a esta importante publicação de apontamentos philosophicos e juridicos.

DUELLOS.

1743 ¿ São lícitos os duellos? Eis a questão que se ventíla em nossos dias, como em épochas mui remotas se ventilou na persuasão de chegar a uma solução positiva.

Entretanto pouca reflexão era precisa para se reconhecer que isso é impossivel: e com effeito são innumeraveis os brilhantes discursos que se teem escripto ou impresso, em sentidos contrarios, sobre o assumpto, e a questão está ainda hoje tão longe de solução, como no principio. Essa é a sorte de todas as questões vagas; isto é que tomadas em um dado sentido ou em certa hypothese são verdadeiras; n'outra hypothese ou n'outro sentido são falsos. Dissertando pois cada um dos oradores dos diversos partidos em um d'aquelles sentidos, e cada um dos do partido contrario no outro sentido, ambos teem razão, ambos triumpharão, e nenhum se póde dar por vencido. Mas quem de certo perde é a arte de pensar e de escrever; porque o espirito habitua-se a sophismar: e o joven inexperto que dotado pela natureza de raro talento, improvisou durante horas sobre assumptos, em que jámais havia meditado nem um só momento, reputa-se orador, porque foi interrompido a cada passo pelos *bravos* d'um sincero enthusiasmo. É o *Populo imposuimus, et oratores vix sumus.*

Simplifiquemos a questão, distinguindo as hypotheses. Tres são os casos possiveis do duello: 1.º Quando um é verdadeiramente provocador e o outro provocado; 2.º Quando ambos são provocadores e provocados; 3.º Quando nenhum é provocador nem provocado.

As mais das vezes o provocador injuría e o provocado desafia; mas outras vezes o provocador, reputando-se ou fingindo-se injuriado, desafia sómente ou injuría e desafia.

É facto constante e geralmente observado em todos os paizes e, portanto, é facto anthropologico: que todo o homem que desafiado ou injuriado em certas maneiras (de que logo tractaremos), não acceita o desafio ou não desafia aquelle que o injuriou, é vilipendiado na sociedade, como um indigno covarde.

Reputa-se injuria, que só póde ser lavada com o sangue, aquella que os castigos comminados pelas leis do Estado não extinguem.

Sem duvida, os progressos da verdadeira civilisação tendem a diminuir o numero destes casos, em que a lei é impotente para extinguir os effeitos das injurias; mas estes progressos são necessariamente lentos: e, emquanto elles não produzem o seu effeito, geme a humanidade sob o pêso do prejuizo.

Sendo pois certo que a sociedade em determinados casos, condemna á ignominia todo o homem que, podendo, se não desforça da injuria pelo desafio: ou que, desafiado, recusa o combate; não só é licito, mas forçoso, n'esses casos, ao provocado o recurso do duello.

Não é, portanto, essa a questão, mas sim: quaes são os meios que o philosopho e o legislador podem empregar para atalharem este resto da barbaridade dos povos de quem o havemos herdado.

A razão não descobre outros meios, senão o da illustração proporcional de todas as classes de cidadãos: e o infallivel castigo dos culpados, sempre que se verifique o caso do duello.

Quanto ao primeiro d'estes meios, a educação, nada ha que dizer n'este logar, pois que ella diz respeito a todas e quaesquer questões que occorrem da reforma social.

Quanto porém ao castigo dos culpados, nos casos de duellos, é pasmosa a divergencia d'opiniões que existe entre os jurisconsultos. Uns intendem que a applicação de castigo é impossivel, e chegam alguns a tel-a por illicita; e portanto perdem-se em imaginar alvitres para impedir ou previnir os duellos. Outros egualando o duellista, tanto provocador, como provocado, ao assassino, condemnam-n'os ás penas que para estes se acham traçadas nas leis. Outros emfim, desesperando de poder previnir os duellos ao mesmo tempo que os consideram, como inseparaveis consequencias do pundonor, que constitue uma das mais bellas qualidades do homem bem creado; concluem que aos progressos da civilisação compete unicamente pôr um termo áquella fatal tendencia, illustrando os homens sobre o verdadeiro sentido em que se deve intender a palavra pundonor.

Felizmente a questão é mais simples, do que aquelles jurisconsultos se figuraram: e para o provar basta tornarmos a considerar as distincções que ha pouco havemos feito, entre os diversos casos de duello.

Como em todos elles ha *provocação*, nada mais natural do que fazer ao duello applicação das leis penaes que nos codigos de todas as nações se acham exaradas contra os *provocadores*.

Incumbe ao ministerio publico chamar a juizo todas as pessoas implicadas em qualquer duello que, por qualquer modo, chegar ao seu conhecimento.

Apresentados em juizo, compete ao jury certificar-se do facto da *provocação*, e applicar ao provocador as penas que corresponderem á gravidade do delicto: fazendo boa ao provocado e a terceiros a reparação das perdas e damnos que provarem haver resultado da provocação.

Se o que se figura provocado allegar como facto de provocação ou injuria, o que só é fructo da sua imaginação ou dos seus proprios prejuizos, já se vê que o arguido provocador, não só deverá ser absolvido; mas terá direito, elle e seus herdeiros, a todas as reparações, como verdadeiramente provocado, e aquelle que erradamente se suppunha tal, haverá a correcção penal que parecer mais propria para o fazer reconhecer o seu êrro, ou para se reprimir a sua vaidade.

Os padrinhos do provocador não podem deixar de ser considerados como cumplices d'aquelle cujo facto sanccionaram com a sua assistencia. Nem obsta a coarctada, com que naturalmente virão, de que não tiveram, nem tempo, nem meios de averiguar, qual dos dois era o provocador, e qual o provocado. A sua obrigação era certificarem-se primeiro da justiça ou injustiça da causa que íam patrocinar: e entretanto, o que lhes cumpria, era absterem-se.

Certo, nem a elles nem aos padrinhos do provocado (que suppomos inteirados da justiça do seu cliente) cabia, fazerem de denunciantes; indo previnir as auctoridades constituidas d'um facto que podia não chegar a verificar-se. Mas do momento em que, uns ou outros adquirissem a certeza de que o duello era infallivel, o seu dever era invocar, em nome da ordem publica e da humanidade, o auxilio da força publica. Se houve da sua parte ommissão culpavel, ao jury compete infligir-lhes a pena correspondente ao seu delicto.

Parece-nos pois, em conclusão, que se satisfaz a todas as questões de ordem publica, relativas ao duello, pelo simples expediente de consideral-o como uma especie compreendida no titulo do codigo penal que tracta das *Provocações*. As disposições d'esse titulo bastam, tanto ao ministerio publico para accusar, como ao juiz para castigar: e o castigo junctamente com a educação, são os elementos de policia correcional que unicamente é permittida nos paizes verdadeiramente constitucionaes.

Silvestre Pinheiro-Ferreira.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

FUNDAÇÃO DA EGREJA DA ENCARNAÇÃO DE LISBOA.

4 de Junho de 1698.

1744 «Começa a fundação da parochial egreja de Nossa Senhora da Encarnação de Lisboa, aonde eram as Portas de Sancta Catharina, as quaes com o muro da cidade se derribaram para esta edificação ficar desafogada, e acamposa. — Começaram a demolir-se, e derribar-se em os fins de dezembro de 1705; começando pela torre, que levou muito tempo, e depois se continuou pela muralha e portas, aonde havia duas imagens de pedra jaspe branco, uma de Sancta Catharina, que ficava por cima d'ellas com um nicho da parte de fóra, e outra de Nossa Senhora do Loreto, que ficava em outro nicho da parte de dentro das dictas portas; e estas imagens se collocaram em 7 de junho de 1710 nos dois nichos, que ficam no frontispicio da porta principal da dicta egreja; e as columnas de pedra que guarneciam as dictas Portas de Sancta Catharina eram quatro, das quaes duas se quebraram, e duas serviram para a porta travessa do açougue de Lisboa, que se fez de novo no anno de sendo presidente do senado da camara o Conde de Aveiras, que mandou reformar o dicto açougue.»

«Foi fundadora da dicta egreja D. Elvira Maria de Vilhena, Condessa de Pontevel, e mulher de D. Nuno da Cunha, 1.º Conde d'este titulo, a qual vendo-se viuva, sem filhos, e velha, empregou os seus bens na fabrica d'esta egreja para servir de parochial aos freguezes da freguezia, que primeiro foi do Loreto, e depois chamada de Nossa Senhora do Alecrim, em razão da ermida do mesmo nome, que lhe fica ao lado esquerdo. Lançou a primeira pedra n'este dia e anno o cardeal Luiz de Souza, arcebispo de Lisboa: benzeu-se em 6 de septembro do anno de 1708 por D. Simão da Gama, arcebispo de Evora, e abriu-se aos 8 do dicto mez e anno, em que se passou o Senhor da dicta ermida do Alecrim para ella com uma solemnissima procissão e triumpho, e durou a festa 8 dias seguidos com o Sanctissimo exposto, e sermões panegyricos. Viu a fundadora em seus dias acabada esta sua pia fundação, e enriqueceu a egreja de uma custosissima Custodia de prata, e outras peças e ornamentos. Reinava em Portugal D. Pedro 2.º, e depois seu filho ElRei D. João 5.º, e arcebispos de Lisboa o cardeal Luiz de Souza, e depois D. João de Souza, que o foi de Braga.»

(Beneficiado Francisco Leitão Ferreira na *Ephemeride Historial*: manuscripto, que se guarda na bibliotheca de Evora.)

FR. LUIZ DE SOUSA.

Drama em 3 actos pelo Sr. Almeida Garrett.

I.

1745 A idéa progressiva, que revolve a Sociedade actual na expressão litteraria creou uma critica sua: já se não sabe, nem que soubesse, se podia moldar o bello moderno pelos baixos-relevos de Pompeia: o pincel de David correcto e verdadeiro na copia era todo romano como os Horacios; — quebrou-se diante da Meduza: — a estatua no quadro saía grandiosa e sublime nos traços do Mestre, mas sempre estatua: e hoje a poesia ha-de retractar a vida em todos os seus aspectos — no interno o mysterio íntimo do coração e da alma nas suas luctas e tormentos — no externo todas as côres e matizes, todas as attracções, todas as antimonias, laços umas vezes claros, outras quasi invisiveis — invisiveis mesmo — que ligam o Prometheu á sociedade, que o põe d'alvo ao spectaculo tristissimo, á profunda tragedia da humanidade em todas as suas variadas fórmas de vêr, sentir e padecer.

Antigamente custava pouco o ser Frazon: estendiam o escriptor no leito de Procusto, e o afferiam desapiedadamente por uma medida herdada de Stagyra ha dois mil annos: desconjunctavam-n'o alli, ou dilaceravam-n'o até dar a altura requerida n'aquelle bemaventurado codigo penal de Aristoteles; e para lhe tapar a bocca no meio das intoleraveis dores d'estes tractos inquisitoriaes, emvez de fel, faziam-lhe engolir em dóses enormissimas centos de paginas opiadas da *Pratica de Theatros* do reverendo *Aubignac*, mil vezes mais custosa de tragar do que o absynthio mais amargo. Tudo isto tinha seus laivos de similhança com a vara legal do recrutador, os enfezados affugentavam-n'os com um par de golpes puxados da alma: os gigantes ficavam a marcar o passo e a fazer exercicio pelos doze tempos prussianos. — Era delicioso.

Esta existencia, que deixou saudades, foi dura de vida; chegou-lhe a sua hora extrema: chamaram-lhe indecente e aristocratica, e morreu no garrote da Revolução, ás mãos do velho Ducis, como hecatomba sagrada aos manes do honrado Shakspeare.

E era justiça. A academia de Richelieu, atrazada um seculo como todas as Academias, tinha affogado o Cid logo á nascença; La Harpe cravára de setas o Poeta Inglez e a Scena Hispanhola — andaram a levantar um calvario, aonde ao depois a Filosophia de Kant, e a Critica Alleman pregou na cruz adoradores e idolos: trocou-lhes a regalada festa do banquete Olimpico em desconsolado desterro; emparedou-os nos armarios sepulchraes das Bibliothecas: — correu-se o véu que escondia Borgia, acabou o *ipse dixit* miraculoso Santelmo dos lances apertados; partidas aos pedaços as andadeiras e mulêtas classicas, já os invalidos greco-romanos não podiam nem ousavam dar passo: pararam: e foram-se sentar ao soalheiro da praça, de cabeça pendida e olhos chorosos a vêr as turbas derribar e arrastar pelo lodo a estatua de Pasquino — o povo não intendia ainda o *post fata, quiescit!*

Mas as actas do Concilio Classico estão registadas no *Spectador* do secretario do Conde Wharton, do *virtuoso* Adison: aquelle mimoso poeta do Catão, que nos offerece o exemplo da maior atrocidade humana na teima de tentar á força empalmar as notas da Opera Rosemunda, com a mesma semcerimonia, com que os seus amabilissimos conterraneos mettem o braço até ao cotovello pelas bolças dos outros reinos. Deus lhe perdôe, aonde quer que está, os artigos e a furia musicante.

Felizmente agora outras idéas d'arte demandam outro escalpello critico; em tudo; mas no Romance e no Drama especialmente.

Aqui fallamos só do Drama.

Raro se desata robusto e viçoso o Theatro com as primeiras flôres da Litteratura de qualquer nação; tem aquella lyra cordas mui subtis, delicadezas melodicas mui altas para soffrer que a ensaiem dedos inexperientes; o frontão do harmonioso templo das muzas gregas levantou-o a tragedia d'Eschylo; ornaram-n'o as creações de Euripedes, mais puras e sentidas: completou-o a Melpómene tão casta, e reflectida de Sóphocles.

A scena hispanhola veio depois de Cervantes, que mal a antevíra; mas purificou-se debaixo dos dedos de Calderon das impuresas de Lopo da Vega, dos choutos de Gongora; Shakspeare tirou a ingleza do pégo de semsaborias do mais estragado gosto Euphoistico, peior cem vezes do que o tumido castelhano, que tinha muita coisa boa para resgatar a sua intoleravel affectação.

Ainda hoje a hesitação da poesia n'este ramo está provando, que a arte vacilla incerta: a esthetica ainda não assenta em bases sólidas. — Esta arvore quer a terra já revolvida para deitar bons fructos, quer o ar livre de furacões, que a não desarreiguem á nascença: só pega bem em terra propria: é como a Sensitiva encolhe e fecha, se lhe falta o sol da patria, se lhe negam o céu e as nascentes do clima aonde nasceu: nas estufas murcha e morre.

É que nenhuma ha mais nacional: e deve-o ser, ou não é nada.

O theatro é quem retracta a côres fieis as feições moraes de uma nação: quem aponta o caminho, que ella leva andado na estrada legitima da civilisação: quem firma as raias do seu progresso intellectual em todas as relações variadas com o mundo externo: porque o drama, que o é devéras, pinta a vida d'alma, da épocha, e da arte. É o espelho do estado social, o que revê todos, até os mais imperceptiveis traços, do grande vulto chamado povo.

No fundo do quadro está o pensamento; a idéa una da actualidade, no seu aspecto multiforme. — Pensamento, idéa profunda sempre, que se enlaça com o invisivel pelas aspirações religiosas, com o eterno pelos fios da tradição, dos costumes, e das crenças do passado, porque a eternidade, não é negativa, mas absoluta: não significa termo de tempo, significa plenitude indivisa. ¿Deante da arte, na sua expressão simbolica, na sua fórmula philosophica que é a eternidade? ¿a morte? ¡ se a arte é a imagem da creação! ¿a vida? a vida sim, mas essa vida immensa, amplissima, e mysteriosa, composta do que foi e do que é; vida em que o passado se transfunde no presente, em que o presente se enriquece com os elementos das edades mortas, para legar uma herança doirada de esperanças, de licções, de futuros; herança, que passa em deposito das gerações que hoje se revolvem na terra ás que não viram ainda o *fiat lux* do verbo de Deus. A arte encerra em si o passado e o presente; tem nas mãos o talisman do futuro, o pomo

da vida ou o pomo da morte: é já do que ha-de vir pela sua aspiração ethérea.

Está entre o mundo externo e o mundo invisivel; gera-se da fé no que é sublime; da admiração do que é grandioso na sua belleza; vive pelo amor. O amor intrínseco, íntimo, indivisivel, que tirou da natureza o simbolo; que assentou aos umbraes do tumulo a Esperança para receber o suspiro extremo do que morre na terra; para trocar nas vestes candidas da pureza o lucto da desesperação; para ferir com a vara a rocha, e brotar da aridez da amargura a fonte de consolação suprema. Aonde acabava a arte antiga começa a nova. Na fronte do que expira rompe o sello do nada, e com os olhos nas myriadas de spectaculos divinos, quebra a loisa e os grilhões, e aponta para a aurora da glorificação, que vem rompendo sobre a immobilidade das trevas interiores.

D'este ponto maximo deve a critica alongar a vista até á perfeição secundaria dos meios plasticos: já não representa o papel do povo romano nas luctas do circo, não é para medir com a vista a elegancia do gesto, a ardileza e porte engraçado do gladiador que ella se fez, não é para se ficar embellecada deante da formosura das fórmas, e apuros das côres que se requer: tem maiores brios hoje, maiores responsabilidades: a formula sensual e terrena do pagão morreu no dia, em que a primeira gotta de sangue do Martyr se embebeu nas arêas do amphitheatro, para consumar o sacrificio — que renascia o mundo novo das cinzas do mundo velho, que infundia no coração humano outro paraizo intellectual, esperançoso e sancto, que este seculo herdeiro dos desvios e experiencias de mil e oitocentos annos ha-de encarnar na poesia, e desinvolver até o completar na sua ultima e ainda desconhecida expressão. Rasgou-se o véu do templo, e veio a regeneração da arte apar da regeneração do homem.

Nasceu a poesia saudosa, chorada n'alma, sentida do coração, inspirada e espiritual: poesia variada nas fórmas mas una na expressão intellectual: caminhando umas vezes da fé para o mundo, como o Dante, Milton e Klopstock, atirando-se outras do mais agro da perigrinação aos braços da religião a verter-lhe no seio uma lagrima ardente, que na procella dos affectos abrazados fica sellada no sepulchro da existencia material, além da qual o espirito vôa solto nas suas dôres mais espinhosas a buscar o nardo, o balsamo, que lhe ameigue as chagas cortadas n'alma, como nos suaves canticos de Lamartine, no melancholico e profundo Chateaubriand, no puro e mavioso Schiller.

Só o bello, que é eterno sempre, da natureza e da humanidade soffre este painel: o invisivel do mundo superior e espiritual não se póde tomar para primeira luz do quadro, sem descaír muitas vezes nos erros dos que o tentaram já: foge ao pincel, retrae-se da imagem o abstracto puro: mas o fim da poesia é enlaçal-o, traval-o com a vida terrestre, nas suas aspirações e varias tendencias. O presente, que só por si destróe as mais das vezes, pela aproximação, todo o ideal, funde-se no quadro se o recuarmos com o esplendor vecejante das crenças, com o clarão das paixões nobres ou tremendas, com a reflexão da actualidade em todos os seus aspectos, até um passado rico e glorioso; se intertecermos o matiz de côres vivas, e cambiantes acertados com as lendas e tradicções, com o thesoiro poetico da Nação; assim visto de longe, quando no frouxo e esbranquiçado crepusculo dos seculos apenas resplandecerem no horisonte os vultos collossaes de grandes feitos, e grandes nomes; a arte revê mais livre a sua idealidade, fica mais arte e mais poesia, affastada da imitação mediata e quasi sempre servil do que palpamos com os dedos, do que o habito tornou raso e prosaico. Tem-se feito, mas poucas vezes com felicidade.

D'esta relação do tempo com a poesia nos dá Homero exemplo: o passado nos seus versos revê o presente palpitante e formoso, sem resvalar no commum da copia. — Em Ossian, no Niebelungen, nas tradições poeticas do Norte apparece o mesmo, sempre o mesmo.

D'esta altissima theoria d'arte, filha da meditação Alleman, nasceu o Drama Fr. Luiz de Souza. O nosso Poeta tomou a base terrena para d'ahi alargar os traços: as memorias saudosas, as glorias, e o viver e sentir, e crêr do tempo, offereceram-lhe o collorido magestoso, que realça n'esta sua obra a mais profunda e portugueza de quantas excellentes e primorosas temos já da sua penna.

É o que veremos na analise mais attenta e miuda, que vamos tentar, receosos comtudo de desfigurar a belleza e perfeição d'esta sua creação dramatica, original na forma e no pensamento, fundamental para a eschóla de um Theatro, que devéras seja nosso, e não copiado sem pudor dos reportorios estrangeiros.

L. A. Rebello da Silva.

(Continuar-se-ha.)

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

1746 Em Argel as armas francezas obteem vantagens de alguma importancia.

Os parlamentos e o governo inglez cançam-se a escogitar remedios para a indigencia popular, para a ignorancia e immoralidade quasi silvestre da numerosissima classe ínfima, e para a tendencia, que algumas partes d'aquelle estado mostram, a desgregar se do todo. Tendencia essa, que inevitavelmente havia de resultar dos mutuos odios religiosos. Um mosaico de egrejólas encontradas não é uma egreja; uma crença de furta côres não é uma crença; um evangelho, que não civilisa o povo, não é o evangelho de Christo. O protestantismo será sempre o mais grave, o mais funesto êrro na politica.

A Hispanha havia concebido as mais altas esperanças de pacificação e prosperidade com a formação do ministerio *Lopez*, e com o seu franco e honrado programma. Em todas as provincias íam festas; de todas subiam ao throno agradecimentos e parabens. Este auspicioso ministerio é a subitas despenhado pelo regente e substituido por outro impopular. As côrtes e grande parte da imprensa e do povo recebem a sua apparição com o grito de *fóra traidores*. Entretanto o regente persevéra superior a azáres e agoiros: porque, diz-se, o ministro da Inglaterra, a despeito da França, o inspira, lhe dá mão e o esforça. O estado da Hispanha não se póde, por modo algum, julgar ainda fixo e assentado: — o dia de ámanhã poderá ser o avêsso do dia de hoje.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

1747 *Diario do Governo de 23 de maio.* — Decreto dissolvendo e agradecendo á commissão (juncta) encarregada de propôr os remedios aos estragos da ilha da Madeira. Portaria ordenando, que no presidio da Cova da Moira se cumpra o determinado na portaria de 28 de octubro de 1842 ácerca de ca-

dêas. Outra exigindo do Governador geral de Angola uma relação de todos os empregados civis ou militares, que hajam concorrido para a exportação de 392 escravos a bórdo da escuna brazieira D. Eliza. Ordem da armada n.º 104. Venda de bens nacionaes em Vizeu, Guarda, Castello-Branco.

Idem de 24. — Ordem do exercito n.º 18. Portaria providenciando sôbre cadêas. Aviso dando conta do regulamento dos signaes, que se estabeleceu, no Pará, para o embarque dos praticos da barra nos navios que alli aportarem. Venda de bens nacionaes.

Idem de 25. — Portaria: declara que devendo os direitos das mercadorias ser pagos conforme a verificação, e não segundo as declarações das partes, cumpre que sejam relevadas as inexactidões, que nas mesmas declarações se possa encontrar.

Idem de 26. — Portaria ao governador da India para que possa, ouvido o respectivo conselho, providenciar nos casos occorrentes, todas as vezes que a demora dos recursos á metropole arriscar a segurança do estado, ou causar prejuizo irreparavel em seus interesses essenciaes, dando porém logo parte ao Governo. Venda de bens nacionaes.

Idem de 27. — Venda de bens nacionaes.

Idem de 29. — Portaria para que a Juncta de fazenda de Angola comece desde já a fazer o futuro orçamento. Outra convidando mestres ferreiros, serralheiros, serradores, pedreiros, carpinteiros de obra branca, e de machado para irem servir em Angola, offerecendo-lhes vantagens. Venda de bens nacionaes.

VISITA DE PRINCIPES.

1748 A 30 de maio pela tarde entrou n'este porto o vapor em que vinham SS. AA. o duque reinante de Saxe Coburgo Gotha, sôgro de S. M. Fidelissima, o principe Augusto, seu filho, e a princeza Clementina de França com seu espôso.

Foram recebidos com as competentes salvas de artilharia e mais honras do stylo, e hospedados por SS. MM. nos reaes paços das Necessidades, onde n'esse mesmo dia se festejava com grande solemnidade o nome de elrei o Sr. D. Fernando.

TOIROS CIVILISADOS.

1749 Nos cartazes, que por essas esquinas se afixaram para a toirada de domingo 27 de maio, na praça do Campo de Sancta Anna, promulgou o benemerito administrador do bairro da Moiraria, uma ordenação ou regimento, por meio de cuja observancia, nos assegura — que este verão teremos as corridas de toiros mais illustradas e toleraveis em uma nação religiosa e civilisada.

A todos pareceu maravilhosa a promessa — não só porque os toiros não admittem mais civilisação do que domestical-os para a charrua e para o carro, mas tambem porque o cartaz ainda resava de farpas, de pretos ensaccados e embarrilados, etc. etc.

E assim foi. No domingo houve toiros, e foram corridos como d'antes. Se elles não correram os seus *leaes adversarios* foi só porque lhes não poderam ser bons.

Occorreu porém um accidente que é de máu agoiro para a nova ordenação. Dizia esta, que o publico não poderá pedir mais do que o promettido no programma. Entretanto o povo desejou mais um toiro picado, houve resistencia na concessão — mas a final o povo das trincheiras, que sempre costuma estar em maioria para estas infracções — ¡venceu! O cavalleiro foi a victima expiatoria d'esta violação dos preceitos da auctoridade publica: — só com a vista do animal, veio a terra, e quasi que se ia afogando na poeira, se o não ajudassem a erguer as apupadas dos spectadores supplicantes. Então o Sr. Inspector fez uma pratica sobre as inconveniencias de taes requisições — mas parece que não edificou.

Veremos para o diante o que succede e fallaremos.

A verdade é, que toiros civilisados hão-de custar a obter — só se os mandarem vir de França, d'aquelles de que falla Raspail na sua Agricultura, que andam os seus onze mezes na barriga da mãe!...

UMA FÉRA NO LAÇO.

1750 Do conselho de Braga foi preso, por entrega de dois seus amigos, um desertor, facinoroso de profissão, matador por dinheiro, e ha muito e em vão, monteado pela justiça.

D'elle se refere, entre outras, que tendo mandado pedir a seu pae, pobre official de pedreiro, uma moeda de oiro, e não tendo o velho podido remetter-lh'a, fôra de noite destelhar-lhe a casa, arrombar-lhe as paredes, e destruir-lhe as vides.

SENTENÇA.

1751 Aos 19 de maio pelas cinco horas da tarde, estando reunido innumeravel povo desde a cadêa da cidade de Braga por todo o trânsito até dentro na sala do conselho militar, foi lida a sentença, que este dava ao capitão *José Pereira de Castro Seromenho*, réu do crime de assassinamento, contra sua sógra, já referido em nossos artigos 1354, 1383, 1439.

Mandava a sentença, que fosse exauctorado das honras militares para soffrer morte natural sobre a fôrca. N'esta sentença a convicção dos juizes apparecia tão unanime, como a dos assistentes, como a de toda a cidade.

Sem grande abalo apparente ouviu o réu aquellas terriveis palavras *exauctoração* e *fôrca*; mas a heroicidade contra a natureza é papel demasiadamente violento; não ha forças que o aguentem por muito tempo. Depois que appellou para o supremo conselho de justiça militar começou a perturbar-se e a desfallecer progressivamente a olhos visto. Assim foi reconduzido para a prizão.

INFANTICIDIO.

1752 A 23 de maio pelas duas da noite, passando um moço de forno pela rua de S. Bento, sente juncto a um cano certa restolhada, que lhe attrae a attenção. Aproximando-se, vê á luz da sua lanterna uma creança, recém-nascida e morta, que está sendo devorada pelas ratazanas; e cujos restos, um pouco mais tarde, haveriam sido talvez por ellas mesmas sepultados para sempre n'aquelle sumidoiro. O mutilado cadaverzinho já logrou sepultura christã no cemiterio de N. S. dos Prazeres.

MAIS.

1753 No largo da Estrella appareceu na manhã de 27 do mesmo mez outra creança, tambem recem-nascida e tambem morta. Um profundo vinco de cordão em volta do pescoço denunciava o genero do seu martyrio. O comprimido e mirrado de todo o seu corpo accrescentava, que esse martyrio lhe havia começado muito antes do nascimento; e que a mãe desnaturalisada e egoista, para encobrir o seu estado a todos os olhos, e desfructar um credito de que era indigna, opprimira dentro em si o innocente fructo da sua in-

continencia até ao ponto de o desfigurar, e tornar-lhe para ao depois a vida ou impossivel ou miseravel. Foi tambem repousar para o mesmo cemiterio.

Eis-aqui mais duas victimas a bradar por uma lei efficaz, sevéra e inexhoravel que restitua a natureza á natureza, e ás mães os sentimentos da maternidade. Por nossa parte não cessaremos de a pedir. A este crime o mais cruel, o mais covarde, e o mais inutil de quantos se commettem, temos declarado uma guerra que não acabará nunca, e para a qual já particularmente convidámos e publicamente convidamos aqui de novo, quantos espiritos humanos e bem nascidos nos quizerem auxiliar.

MAIS SACRILEGIOS.

1754 Por meado maio a egreja de Avintes amanhece roubada de algumas alfaias.

Pelo mesmo tampo na Sé do Porto desapparece uma capa rica dos pontificaes, que importára em 600$ rs.

Pelos fins do mez antecedente a egreja do barão de S. João, concelho de Lagos, havia tambem sido invadida: e n'essa foi coroado o sacrilegio com o desacato.

PROVIDENCIA.

1755 Em casa do Sr. Francisco de Soisa Alcanforado, no districto de Barcellos, havia um feitor antigo, e estimado por sua fidelidade e amor aos amos. A 27 de abril cae este homem fulminado de uma apoplexia, e expira sem ter podido declarar as suas ultimas vontades. O Sr. Alcanforado requer ao juiz de paz, venha fazer inventario nos bens do defuncto para satisfação de seus herdeiros, residentes em Galliza, d'onde elle mesmo era oriundo.

Aberto judicialmente o seu bahú acha-se n'elle um caixote fechado tambem, e n'este quantia de joias de oiro e brilhantes, estimaveis n'uns vinte e tres ou vinte e quatro mil cruzados.

Não era verisimil que fosse tudo aquillo propriedade sua; haviam-de ser penhores de alguns emprestimos, que a sua economia lhe tivesse permittido fazer. — ¿Mas a quem pertenciam? Alguns papeis ou apontamentos o deviam sem duvida declarar. Continúa-se na investigação, e, entre outras cartas, uma apparece de seu punho, não assignada, nem concluida, em que se lê: — «*Companheiros e amigos. Estou pelo ajuste, abrirei as portas mas não venham antes da meia noite nem depois das duas, mas com a condição que pouparão as vidas de meus amos.*»

UM QUARTO DE PAPEL IMPRESSO.

1756 Saíu á luz da imprensa, que já a tem dado a tantos abortos litterarios, mais um escripto em quarto de papel, varrido de idéas, mas cheio de affrontas a trasbordar: é uma verrina, em que os redactores da *Revista das Revistas* investem furiosos com o nosso collega do Correio, por ser o primeiro a arvorar o pendão contra os violadores da propriedade litteraria.

As armas, que elles esgrimem nem são novas, nem agudas: indecencias e miserias sempre as houve: são antiquissimas: parece, que a íra d'aquelles escrevedores, doídos de lhes pôrem na praça o *innocente* plano de se realisar na provincia litteraria a celebre communhão das terras, lhes levou o pouco acerto, que podessem ter: vem férvidos, loucos, e delirantes como Bélides fugidas aos tormentos: e o nosso collega do Correio não fizera mais do que mostrar, que o elmo de Mambrino não passava de tristissima bacia de barbeiro: bastou isto para lhe assaltarem o credito com a homérica boa fé de acreditar, que valeriam contra o seu conceito e bem merecida reputação as injurias sandias, malcreadas e razas, que infastiam estiradas em duas columnas, aonde não avulta senão a disposição, que o compositor soube dar aos typos.

A questão ficou intacta. Ha alli uma erudicçãosinha de Polyanthéa sobre a palavra anthologia, que veneram aquelles escrevedores como os Troianos o seu palladium: já que tanto amor lhe teem, permittam, que lhe apontemos do abismo da nossa ignorancia, a mais exacta significação d'esse vocabulo.

Tirando a anthologia de Meleagro de Gadara, verdadeiro ramalhete, aonde se desatavam as flores de quarenta e cinco poetas, realçando Anites que alli representava o lyrio, e Sapho a roza, novos ramos bracejou o tronco d'esta arvore plantada sessenta annos antes de Christo — mas já na cultura lhe estragaram a primeira formosura, e aquella, que fôra a mãe de todas perdeu-se nas trevas dos tempos com as outras, até ás duas ultimas que temos, e pelas quaes forçosamente se haviam de regular, como tão sabedores, os litteratos da Revista *das Revistas*: — a de Constantino Céphalas, do seculo X, e a do monge grego Maximo Planudo. Felizmente Heidelberg salvou-a de morrer affogada no pó das livrarias, e deu, sem o saber, um bom modèllo de jornal ás nossas lettras patrias. ¿E o que era essa anthologia de Heidelberg? perguntará o leitor curioso:

Eu vos digo — imaginae uma babel de tres mil versos, em que os epigrammas se arrastam devassos e licenciosos como as poesias do Aretino: sobre este prostibulo assentae o que os gregos chamavam *Epigrammata anathematika* mais castos, mas insipidos eram elles; d'estes — que se inscreviam nas offrendas do templo — passae para os epitaphios, e só depois d'esta aborrecida perigrinação de Ashaverus é que entraes em veiga mais cultivada — do alcoice ao templo, do templo ao sepulchro pagão — e de lá á poesia verdadeira!

Mas, como não designam qual escolhèram para mólde: quem sabe se nobres brios lhe despertou a Arabe de *Hamasah*, ou a *Chrestomatia* de Silvestre de Sacy: se assim é, desde já nos retratamos do que dissemos na Revista, e damos os parabens á nossa litteratura pela fonte riquissima — que a poesia oriental nos vae de novo brotar.

Melhor era em verdade que o tentassem. Voltando á questão declaramos, que o quarto de papel impresso pelos redactores da anthologia emvez de os lavar da nodoa, que estampa na fronte do homem honesto da sociedade essa colligação rapinatoria, que leva na vanguarda como anciã e mestra — *a Revista dos Jornaes politicos* — serviu só de lavrar mais um documento para se instruir este grande processo nacional.

Já hoje se não póde tolerar esta pirataria normanda: — já quando todos os direitos assentam na garantia da lei, este não ha-de ficar, como os christãos do circo, exposto á ferocidade esfaimada d'estas hienas litterarias: se o exemplo de outros reinos, se a voz da razão não brada, ou não é ouvida, aonde o devia de ser e logo, aos escriptores limpos de consciencia e de mãos cabe estreitar os laços, que os tornam irmãos

pela sua alta missão civilisadora, e unirem as forças para varrer dos mares os piratas descarados, que sem pudor, nem receio, como o Uscoque de Byron, entram soltos pela terra firme.

¿Porque não hão-de ajuntar-se os redactores, esquecerem diante d'esta grande necessidade social, as cores ou matiz de partidos, e offerecerem á salvação das nossas lettras tão despresadas uma hora de meditação; sagrar uma oblata minima no altar da patria? Em Inglaterra, em França, em toda a parte as sociedades são o verdadeiro meio de mover os negocios publicos mais difficultosos: ¿porque o não hão-de ser aqui?

A lei de propriedade litteraria assim discutida e elaborada, confiamos que achará nas camaras o apoio, que ao direito dos auctores está mostrando a opinião geral.

Represente a imprensa o elevadissimo principio que advoga — seja portugueza de véras ao menos uma vez, levantando este monumento, verdadeiro symbolo da intellectualidade, e do amor das lettras; monumento para si, e para os outros; util no presente; utilissimo e expiatorio para o futuro.

L. A. Rebello.

RESUMO DAS OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS DO MEZ DE ABRIL DE 1843.

1757 Temperatura media das madrugadas 51,5 F — (8,5 R) — dita nas horas de maior calor 66,7 (15,5) — dita media do mez 59,1 (12) — variação media de temperatura diurna 15,2 (7) — maior variação de calor diurno, em 16 do mez, 23° (10,3) — maior color a 7 e 8 do mez, 75° (19,3) — menor altura do barometro a 13 do mez, 745,2 millimetros — maior idem a 24 do mez, 765,3 — media do mez, 758,7, reduzidas á temperatura de 61° F.

Ventos dominantes, contados em meios dias — N,15 — NO,6 — O,4 — SO,17 — S,1 — NE,5 — E,3 — SE,2 — B,7. — *Estado da atmosphera* — dias claros 8 — claros e nuvens 7 — cobertos 6 — cobertos com alguns clarões 2 — chuva 7 — ventosos 13, inclusivè um de tempestade do Norte — nevoeiros 1 — de frio sensivel 1 — de calor idem 2. — A chuva recolhida nos referidos dias foi de 68 millimetros, equivalentes a 20 e meio almudes por braça quadrada, excedendo um terço á que costuma caír em um mez regular.

As quadras dominantes foram seis: a 1.ª de 3 dias em continuação da última do mez antecedente, decorreu tepida e humida, céu coberto, e sol ardente quando descobria, ventos mui rijos do SO, ruido na barra, e pequena chuva no último dia: a 2.ª, de 5 dias quentes nas horas meridianas; ar secco, céu quasi sempre claro, sol ardente, bonanças ou pequenos ventos mareiros: a 3.ª, de 4 dias frios, ar muito secco, céu claro, ou com suas nuvens muito elevadas e diáfanas que enfraquecem o sol, ar muito secco, e ventos rijos do N, e NE; descendo rapidamente o barometro nos últimos dois dias: a 4.ª, de 3 dias tepidos e humidos, chuvas abundantes em Lisboa, mas pouco dilatadas para além do termo da cidade, trovoadas remotas ao SE, ventos moderados e variaveis do NE e SE: a 5.ª, de 7 dias frios nas madrugadas e noites, ar muito secco, céu variavel, vento mui rijo do Norte, e alguns orvalhos nocturnos: a 6.ª e última, de 2 dias frescos, ar secco, céu coberto, vento do NO e SO, descendo o barometro.

Foi portanto o mez, na sua generalidade, regularmente temperado e chuvoso; porém mui ventoso. — *Juizo do inverno* do corrente anno. Decorreram os dois primeiros mezes com uma temperatura assás regular, porém escassos de chuvas, caíndo pouco mais de metade da quantidade normal, predominando os ventos de NE e N; porém exuberantemente foi compensada aquella falta pelas torrentes de agua que caíram nos outros dois mezes, principalmente em fevereiro, as quaes excederam o triplo da chuva regular; pelo que na totalidade do inverno a chuva excedeu quatro decimos á normal. Tambem os dois últimos mezes tiveram uma regular temperatura, predominando os ventos de SO e NO, que por vezes foram tempestades, notando-se grandes descidas do barometro em fevereiro. Segue-se pois que este inverno decorreu tepido, muito chuvoso, e tempestuoso.

Phenómenos notaveis. — No dia 10, pelo meio dia, caíu em *Paris* grande porção de neve, crescendo rapidamente o frio a 11 e 12, a ponto de se gelar a agua em muitos departamentos vinhateiros da *França*, com grande prejuizo das cepas, cujo fructo se julga deverá ser mui escasso. — No decurso d'este mez uma grande seccura continuou a affligir o reino da *Grecia*, causando gravissimos prejuizos nos campos. — Em 28, pelas 11 horas da manhã, um raio fez voar o deposito de polvora e o castello de *Gaucin* na *Andaluzia*, causando a queda de seus destroços a ruina de 200 casas da povoação, a egreja, e a morte de muitos de seus habitantes.

Necrologia de Lisboa e Belem. — No mez de abril foram sepultados nos tres cemiterios 500 cadaveres; sendo 259 do sexo masculino, e 241 do feminino; maiores 350, e menores 170, havendo por consequencia uma diminuição de 32 obitos sobre o medio normal d'este mez, deduzido das antecedentes observações. Já no mez antecedente notamos ter havido outra diminuição de 75 obitos, o que prova que os dois últimos mezes foram assás favoraveis á conservação da vida dos habitantes d'esta capital. *M. M. Franzini.*

NECROLOGIA LITTERARIA.

1758 A 23 de maio falleceu de um aneurysma o Sr. *Feijó*, bem conhecido pelas suas traducções, e imitações de peças theatraes, e pela sua bonita comedia original do *Camões do Rocio*.

Sevéros para com os seus escriptos, emquanto a severidade de uma crítica sincera, podia servir para o encaminhar e impedir, que o seu ingenho facil e fecundo, mas pouco instruido, e mal preparado, se despenhasse, — hoje deploramos sinceramente a sua perda — já porque seus dotes naturaes, quando o tempo e a experiencia lh'os houvesse amadurecido, haviam de ser para muito, — já principalmente pelo que temos agora ouvido de qualidades suas, que valem mais do que toda a poesia; — das suas virtudes domesticas, do seu amor conjugal e do seu amor paterno.

Mal aquinhoado dos bens da fortuna o Sr. Feijó não possuia para manter a sua familia, senão o seu trabalho. As horas que lhe sobravam do ensino do francez, em que tinha grande crédito, — occupava-as em compôr e traduzir dramas pelos modicos salarios, com que se ahi pagam taes fazendas.

Tinha o presentimento da morte: queria junctar que deixasse aos seus orphãos e viuva. Para o conseguir

cortava, pelas horas da recreação, do descanço, e até do somno. Apressava o termo sem o querer, e pensando n'elle, e vendo ao mesmo tempo mais algumas poucas moedas de prata ajunctar-se debaixo de seus olhos para continuar a ser pão na mesa dos seus, quando elle já ahi se não sentasse, sorria tristemente, beijava os filhos, enxugava uma lagrima, e retomava com dobrado ímpeto a sua taréfa matadora.

Os seus restos mortaes jazem no cemiterio do *Alto de S. João*. Os seus escriptos, que já deram tão agradaveis serões ao povo da capital, continuarão ainda algumas vezes a attraíl-o.

A empreza actual, que é nobre e generosa porque é portugueza e artista, não deixará de lhe dar um testimunho de gratidão e aprêço, representando qualquer de suas obras em beneficio de sua familia desamparada.

¿E qual de nós não concorreria para uma obra de tão verdadeira charidade? ¡e de tão nullo sacrificio! ¡Receber um serão de deleite e desafôgo em recompensa de haver consolado na miseria os filhos de quem foi auctor de tudo isso, e que lá onde está, nem já tem mão para trabalhar, nem sequer voz para intercéder pela boa sorte dos que amou ainda além, e muito mais do que a propria vida!

O SR. LEONEL TAVARES CABRAL.

1759 O Sr. Leonel Tavares Cabral, antigo jurisconsulto, e magistrado, deputado por muitas vezes ás côrtes, redactor do *Patriota*, e geralmente respeitado pela independencia do seu character, que atravéz de tão longos annos de trabalho e influencia politica, o conduziu pobre, e quasi indigente até este dia, jaz mui gravemente enfermo. ¡Oxalá que os delicados disvellos, com que os seus amigos o rodêam, consigam salval-o, e prolongar uma existencia, em que não poucas paginas honrosas ficam já registadas para a nossa historia contemporânea!

A ESCHOLA FRANCA BRITANNICA, PATROCINADA PELO EMBAIXADOR INGLEZ, DIRIGIDA PELO CAPELLÃO DA EGREJA PROTESTANTE N'ESTA CÔRTE, ADMINISTRADA POR SEPTE NEGOCIANTES INGLEZES, E SUSTENTADA PELOS NEGOCIANTES INGLEZES PROTESTANTES DE LISBOA E PORTO.

Thêma: a menina de 9 annos.

(Carta.)

1760 *Illm.º Sr. Redactor da Revista Universal Lisbonense.* — No numero 35, a paginas 439 do seu jornal, appareceu um artigo calumniando a Eschola franca Britannica, cuja Commissão administrativa requer que V. S.ª publique a seguinte refutação.

A Eschola franca Britannica foi estabelecida n'esta cidade no anno 1837; é patrocinada por S. Ex.ª o Embaixador de S. M. Britannica, n'esta Côrte; presidida pelo Consul de S. M. Britannica; inspeccionada pelo Reverendo Padre Capellão da Capella Britannica; administrada por uma Commissão composta de Sete Negociantes Britannicos d'esta Praça; e é sustentada sómente por contribuições voluntarias, feitas annualmente pelos Subditos Britannicos Protestantes residentes em Lisboa, e no Porto.

O fim da Instituição é ser um asylo para a educação, sustento, e amparo gratuitos dos Orfãos, e crianças de Pais, Subditos Britannicos, indigentes, recebendo-se sómente d'aquelles Pais, que teem meios, o que podem contribuir para o sustento de seus filhos. As portas da instituição estão abertas gratuitamente a todas as crianças, cujo Pai, ou Mãe, for Subdito Britannico, e a todos os filhos de Pai Estrangeiro, que queira pagar a despeza de seu sustento; porém de maneira alguma se recebem crianças indigentes, cujos Pais são ambos Portuguezes, apesar das muitas rogativas, que a Commissão tem tido: esta exclusão não é por falta de commiseração para com os Portuguezes pobres, mas sim porque o corpo collectivo dos Subditos Britannicos Protestantes, residentes n'este Paiz, não se intromette, nem se deseja intrometter, com as instituições religiosas do mesmo Paiz. Aos Pais das crianças admittidas na Eschola, nenhuma vantagem se lhes offerece, nem se lhes dá, senão a educação, sustento, e vestuario de seus filhos: o unico meio que a Commissão emprega é exhortar os Pais a fazerem os seus deveres para com os filhos.

Os Pais e Parentes teem livre accesso ás crianças, e livre dominio paternal sobre ellas; conformando-se aos regulamentos da Instituição, que são pouco mais, ou menos, os mesmos, que os dos demais Asylos, e similhantes Estabelecimentos de charidade n'esta cidade.

As crianças são ensinadas nas primeiras lettras, e mais instrucção propria da sua idade, sexo, e condição, e cuidadosamente educadas na Religião Christã Catholica, conforme as doutrinas, e preceitos da Igreja reformada, ou Protestante estabelecida em Inglaterra.

Esta exposição dos factos, e dos principios, que regem a Eschola franca Britannica, é a unica resposta, que daremos aos vituperios, com que aquelle falso, e indecoroso artigo calumniou o Asylo da Infancia Britannica desvalida; e estamos convencidos que nenhum Portuguez honrado, e imparcial necessitará de outras provas para reconhecer a calumnia, e intriga, que suggeriram aquelle artigo.

Quanto á narração pathetica, que o defamante artigo fez do que occorreu, com uma menina orfã, asylada na nossa Eschola, duas palavras rectificando os factos, e supprindo os que o incendiario libello supprimiu, serão quanto baste para que o publico Portuguez conheça a verdade.

A familia Ingleza indigente de que o artigo faz menção, nasceu, baptisou-se, e viveu sempre no gremio da Igreja Britannica Protestante, e foi sempre soccorrida pela charidade do Clero, e Membros da mesma Igreja, de quem a Viuva (mulher pobrissima, e de mui pouco entendimento) recebeu por annos constante esmola, e os filhos educação, sustento, e vestuario na Eschola franca Britannica.

A Viuva assistiu constantemente ao serviço divino na nossa Igreja: alli recebeu esmola, e o Sacramento da Santa Communhão do Senhor, na Sexta feira da Paixão, e o mesmo Sacramento no Domingo da Páschoa, na tarde cujo dia foi accommettida de um attaque apopletico, e o filho mais velho chamando os Padres dos Inglezinhos, estes a fizeram baptisar, e ungir; o que causou tal indignação na communhão Protestante, que ninguem quiz, senão deixala aos seus novos Protectores.

Porém agora é sabido, que ella não foi a culpada: a pobre creatura cahiu logo sem sentidos, nunca mais os recobrou, e assim morreu; mas os mencionados

Padres, desattendendo ao facto de ella ter vivido *sempre* Protestante, fizeram praticar no corpo *insensivel* o segundo baptismo, e a extrema unção, só porque, como agora ouvimos dizer, havia dois mezes, ella estava em relações com os Padres dos Inglezinhos.

O filho mais velho, hoje de 17 annos, foi servir uma familia, aonde abjurou a sua Religião. Porém o caso principal é com a menina, menor de 9 annos, que foi entregue pela Mãe á Eschóla, dormindo alli, aprendendo, comendo, e vestindo á custa da Eschóla, e indo occasionalmente á casa de sua Mãe; para onde tinha ído na vespera do dia, em que a Mãe morreu; e como não viesse á noite a Governanta da Eschóla mandou, no dia seguinte, *em seu nome*, buscar a menina; porque a Eschóla era agora o seu unico domicilio honesto, visto que o da Mãe já cessava. A Irmã tentou leval-a da Eschóla de noite, e até quiz tiral-a da cama; porém como não lhe fosse permittido, esperou-a com o Irmão no Domingo seguinte no caminho da Igreja para a Eschóla, e voando a ella, arrancou-a da mão da Governanta, e quiz leval-a comsigo á força: aqui teve logar a scena, que o artigo falsamente enfeita de abraços, lagrimas, etc. etc.: para essas imaginadas ternuras nem houve tempo; porque dois Subditos Britannicos connexos com a Instituição, auxiliaram a Governanta, e quizeram chamar a Guarda, querendo levar o caso immediatamente á presença das Justiças do Paiz; porém como a Guarda não apparecesse, tiraram a menina das mãos da Irmã, e a depositaram a salvo na Eschóla: ao que o Irmão, por duas vezes, deu então o seu consentimento.

Caso horroroso, e confessado, exclamarão os fanaticos precipitados! Porém, porque tiraram a menina das mãos da Irmã? Foi porque essa Irmã é uma rapariga de vida deshonesta, e impropria para dar exemplo á menina orfã; mas tem tido a astucia de enganar ha seis mezes os Padres dos Inglezinhos, com uma fingida conversão: elles teem tido a bonhomia de mandar um dos seus clerigos exhortal-a, e ensinal-a, e até teem pago o sustento d'ella; por cuja generosidade, indubitavelmente ella, e o seu amasio devem ser mui agradecidos aos zelosos clerigos. Até aqui estamos de posse de superabundante evidencia para provarmos judicialmente os factos, que com magoa allegamos em nossa propria defeza; e aos quaes sómente ajuntaremos, que já antes do tentado *rapto pela Irmã*, a Commissão da Eschola franca Britannica havia requerido ao respectivo Juiz Conservador, a reunião de um Conselho de Familia, e nomeação de um Tutor á menina: o que teve logar no dia 13 do corrente, com assistencia do respectivo Curador Geral dos Orfãos; e este, com o Tutor nomeado, concordaram, em que a menina continuasse a ser educada na Eschola franca Britannica; a qual o seu Jornal chamou «*covil de perdição, carcere privado, activa officina «de venenos, prostibulo de almas, peor, e mais odioso «que o dos corpos!*»: alli está a menina, satisfeita e contente, dizendo espontaneamente com a sua propria bocca, que a Governanta da Eschola é agora a sua Mãi; e ahi póde ser vista, e a Instituição examinada pelos «*Magistrados, o Prelado, e pelo proprio Governo.*»

E eis-ahi, Sr. Redactor, a «*Insoffrivel audacia Pro«testante*» que em casos taes nunca se humilhará; e soffram-a como poderem todos os Cathequistas fanaticos, de cuja «officina» (não duvida a Commissão) foi suggerido o venenoso, e incendiario libello; e a estes aconselhamos de nos deixarem viver na paz e socego, com que desejamos miral-os, e estarmos para com todos; pois sendo a nossa Capella, aqui estabelecida por Tractado, e o livre exercicio da nossa Religião a nós assegurado pelo mesmo, e pelas leis actuaes d'este Paiz (artigo 6.º da Carta Constitucional) os Intolerantes podem ter a certeza, que nós não deixaremos de sustentar legalmente os nossos direitos, no que estamos certos, que o Governo de Sua Magestade Fidelissima, e todos os bons Portuguezes nos coadjuvarão, pois até agora não temos senão a agradecer a tolerancia, e fraternal tractamento, que temos recebido do Governo, Clero, e Povo Portuguez.

Somos, Sr. Redactor, de V. Veneradores e Criados.

Os Membros da Commissão Administrativa da Eschola franca Britannica.

—

RESPOSTA.

Em dois fundamentos, segundo parece, assenta a illustre *Commissão* o titulo de calumniadores, com que nos mimoséa. — 1.º, em não fazer prosélytos no grémio e á custa da Religião do Estado: — e 2.º, em não ter commettido o rapto, que lhe imputámos. — E d'estes dois presuppostos deduz, que as consequencias moraes, por nós inferidas contra ella, foram injurias; pelo què nos requereu, como retractação, lhe publicassemos a carta, que se acaba de lêr.

Publicámol-a de boa mente — não obrigados por lei como logo se verá; — pois que tudo o que disséramos era verdade; mas unicamente pelo desejo de dar gôsto aos cavalheiros, que nol-o pediam; e porque ao mesmo tempo o elucidar esta materia, nos parecia coisa de grande interesse.

Os leitores superficiaes apenas veem n'isto uma questão theologica, e por isso ridicula para muita gente. Nós, pelo contrario, intendemos, que esta questão do proselytismo inglez é das mais attendiveis, e das mais sérias: tem ao de cima, a espiritualidade e o céu: no meio, a nacionalidade: no fundo, os interesses materiaes. A sua mesma bôrra é oiro. Qualquer d'estes tres motivos, ainda sem os outros, sobraria para nos obrigar a não largal-a.

Mas entremos já nos factos.

Negam redondamente os Ill.mos Membros da *Commissão* o que nós redondamente haviamos affirmado: isto é, o roubarem, por via da sua eschóla, catholicos para o protestantismo. Já n'esta negação confessam, pelo menos tacitamente, que o fazel-o seria torpe e repreensivel.

Sem pertendermos inculcar que S. Ex.ª o embaixador de S. M. Britannica, nem tal ou tal inglez em particular, haja sido auctor, perpetrador, consentidor ou sabedor de tão vergonhosas empalmações, insistimos em que ellas se teem feito: — em que filhos de catholicos portuguezes e baptisados segundo a Egreja Romana, teem sido pela eschóla franca britannica pervertidos na sua crença. Temos na nossa pasta e debaixo da nossa mão um rol circumstanciado de perto de quarenta d'estes infelizes, com os seus nomes, filiação, naturalidade e certidão de baptismo. Onde nos requererem razão do nosso dicto — dal-a-hemos; e ainda avantajada, pois ficamos reunindo e procurando novos documentos.

Sabemos de sciencia certa, que desde a origem d'esta eschóla até hoje ametade, pouco mais ou menos, dos alumnos alli mantidos hão sido creanças catholicas, pela maior parte pobres, sendo a condição de sua educação, sustento, vestuario, etc. o conformarem-se com as doctrinas dos Protestantes: *omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me.*

Felizmente a par com a mina diabolica têm por ora estado a contramina sancta. — A vigilancia e zêlo dos Padres dos Inglezinhos — a quem todos, excepto os protestantes, fizeram sempre justiça — teem podido reconduzir para o rebanho fiel algumas das ovelhinhas desgarradas. Tambem d'estas onde convier poderemos apresentar rol.

¿Não será isto intrometter-se com a Religião do Estado? Logo confirmamos com a mais íntima convicção os titulos que a esta eschóla e seminario protestante haviamos dado de *covil de perdição*, *activa officina de venenos*, *prostíbulo de almas, peior e mais odioso que o dos corpos.*

Resta examinar se o outro titulo que tambem lhe démos de *cárcere privado* seria injuria.

O ter sido a menina forçadamente detida contra a vontade de sua irmã mais velha desde o dia 2 de maio até ao dia 13 — é facto.

É tambem facto que dois negociantes inglezes a tiraram dos braços de sua irmã, e a fecharam á chave na mesma eschóla.

Que seu irmão consentisse no rapto é falso. O infeliz mancebo oppoz-se, e até quando um dos inglezes, escoltadores da raptada, correu para separar dos braços da irmã mais velha a mais nova, que chorava e queria seguil-a, persuadido de que íam espancar a animosa donzella, com um braço vigoroso o repelliu, e arremessou; a final, sim, vendo que os lobos não estavam resolvidos a abrir dos dentes a prêza, e que os mais fracos nada poderiam alli contra a violencia bruta dos mais fortes, disse a sua irmã — que os deixasse.... que os deixasse, e se retirassem — como fizeram.

Se elle e ella, que assim o relatam, podem como partes interessadas ser suspeitos, as mesmas e mais fortes razões militam ainda contra os que sustentam a negação.

Se a menina teve relações anteriores com a eschóla por vontade de sua mãe, não faz isso nada ao caso, visto que pelas leis de todas as nações os actos das pessoas, que morrem intestadas, morrem com ellas.

Não podendo pois negar o rapto (que bem claramente está confessado na carta supra) a *Commissão* forceja ao menos por defendel-o. ¿Mas como? — Vãmente, illegalmente, e hediondamente.

Processam por sua auctoridade propria a irmã mais velha (¡os inglezes até já são tribunal n'esta boa terra!). Condemnam-n'a como rapariga de *vida deshonesta, impropria para dar exemplos á menina orphã; e astuciosa, que tem enganado ha mais de seis mezes aos Padres dos Inglezinhos com uma fingida conversão.* Pejâmo-nos de repetir, mas que seja para a defensa, o mais que elles amontoaram para a calumnia.

Entram nos segredos dos corações e nos motivos, que a influiram para a sua conversão á fé catholica; — e depois de a prostituirem com as suas palavras arremettem com os Padres dos Inglezinhos, criminando-os, porque procuram cural-a da prostituição. É o mesmo que censurar ao medico por visitar aos doentes e não aos sãos.

Mas que nos respondam precisamente. Se a vida d'esta rapariga antes da sua conversão á fé catholica tinha sido como elles a pintam, ¿onde recebeu ella as licções da moral?

Ella foi educada na eschóla franca britannica. Tudo quanto aprendêra de costumes, lá o aprendêra.

Se porém a sua vida não é repreensivel (como de feito não é) ¿que havemos de pensar de tão descavalheira, de tão monstruosa increpação? Se recebida n'uma familia honesta, desde que abjurou os erros da eschóla, ella está sendo, pelo contrario, um exemplar de bons costumes ¿que havemos de dizer da verdade e da Religião dos que trazem a innocente amarrada como mulher adúltera para que o povo a apedreje? ¿dos que blasfemam a Magdalena convertida e a quem, imitando a Christo, absolve e demitte em paz a primeira, favorece e louva a piedade da segunda? — São amostras da religião pratica dos protestantes.

É pois tão mentido e calumnioso o que n'esta segunda parte historiam, como o que historiaram na primeira: ¿mas quando fosse litteralmente verdadeiro? — Quando esta rapariga houvesse tido no seu comportamento moral algum desvio — quando os inglezes da eschóla tivessem auctoridade para serem n'isso juizes de facto e de direito ¿como é que da sentença, que lhe davam de leviana, inferiam *ipso facto* que perdia a auctoridade, que por morte da mãe naturalmente se lhe devolvêra para tutelar a irmã pequena, emquanto a lei e seus executores não providenciavam? E, ainda depois de mostrado que o seu comportamento particular a inhabilitava, ¿como é que d'ahi se concluia que a filha e irmã de catholicos, (e de protestantes que fosse) ficava pertencendo á tolerada eschóla franca britannica?

Concluem os propagandistas protestantes pedindo — que os deixem em socêgo. — Façam outro tanto para comnosco e serão satisfeitos. Deixem as artes vergonhosas da sugestão, do sobôrno e do rapto, e nunca mais fallaremos n'elles. D'aqui até lá, havemos de velar, como catholicos, na defensão do catholicismo, — como portuguezes, na dos interesses d'este reino — como homens, que nos presamos de ser, na causa dos desvalidos contra os oppressores.

Novamente supplicamos aos padres catholicos, aos prelados, ao governo, á imprensa, e a todos e a cada um, que tragam olho aberto á espreita d'estes *furta-creanças* e todos os sentidos bem apurados para descobrir as tramas surdas e sempre crescentes d'estas seitas, que, dizendo-se religiosas, mas tolerando e protegendo a mentira como a verdade, não tendem a final senão ao reino d'este mundo.

PIRATARIA INGLEZA.

1761 Recommendamos a todo o fôlego vivo portuguez que lêa, relêa, e decóre a relação, que na GAZETA DOS TRIBUNAES de Lisboa de 31 de maio se faz do modo atroz e inaudito como os — crusadores inglezes — em Angola, nos roubaram o brigue *Oriente*, e nos tractaram com a mais escandalosa barbaría o patacho *Andorinha.*

Similhantes abusos da força na paz nunca nos tempos modernos os commetteram, senão os moiros e os inglezes — os mahometanos e os protestantes. *Omnia tibi rapiam, etiamsi cadens adoraveris me.*